

1
EM
SCUDO

reporter

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

18 de Abril de 1931

Numero 37



Fendas enormes, durante o terramoto de 1755, enguliram casas e pessoas. Cerca de dois séculos depois os descendentes dessas vítimas vivem ainda nas entranhas da Terra, ignorando o dia e a noite e os progressos que de então para cá fez a civilização

J OALHARIA MORAIS =

O maior sortido de joias, pratas, objectos em estojos próprios para brindes, relógios de pulso e de algibeira de todas as marcas.

A casa mais acreditada na perfeição, honestidade e preços dos trabalhos das suas oficinas, que tudo fazem de novo, tudo transformam e concertam. =



SEMPRE NOVIDADES

TELEFONE
2 7 6 6 2

54, R. NOVA DO ALMADA, 98 — LISBOA

P A S S A P O R T E S

Espanha, França, Brasil
e America do Norte

Agente no Norte da

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz
RUA DO LOUREIRO, 60
Telefone **762** **Porto**

Doenças do estomago

Comprar somente do que tem a cinta de garantia com a assinatura do preparador. A cinta é nas cores vermelha e amarela

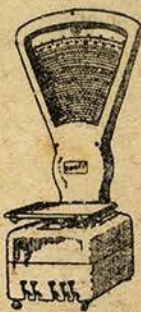
UNICOS DEPOSITÁRIOS PARA
PORTUGAL E COLONIAS

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS
194, RUA DA PRATA, 196 — LISBOA

**CURAM-SE
COM
O
ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS**

**BALANÇAS
AUTOMATICAS**

ROMÃO



PERFEITAS, RIGOROSAS,
HIGIÉNICAS, ECONÓMICAS,
ELEGANTES, RÁPIDAS

Em competência com as melhores marcas estrangeiras

Reparações em todos os modelos

ROMÃO & COMP. A

FABRICANTES DE BALANÇAS

Casa fundada em 1778

CRUZES DA SÉ, 13-29

É CARO ?

Mas ...

O ESCONDIDINHO

É QUEM MELHOR SERVE

A sua cozinha
os seus menus
os seus serviços
os seus talheres
e os seus vinhos
não tem rival

R. Passos Manuel -- PORTO

COISAS QUE TODOS

DEVEM SABER:

*A CASA QUINTÃO vende
os afamados Tapetes de
Beiriz, faianças artisticas
e mobiliário género antigo*

RUA IVENS, 30 A 34

TELEFONE 2 6064

CAMBISTA TESTA

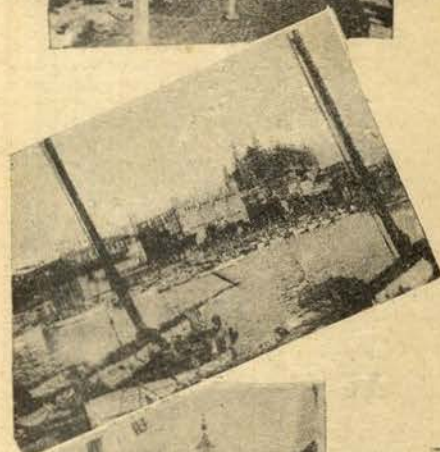
TEM Á VENDA A GRAN-
DE LOTARIA DE SANTO
ANTONIO. BILHETES E

FRACÇÕES AO PREÇO DA
SANTÁ CASA DA MISE-
RICORDIA

74, R. DO ARSENAL, 78

A VOLTA AO MUNDO

por um leitor do "REPORTER X"



ÉS tu, leitor, sim tu, que nos estás lendo neste momento que vais dar a volta ao mundo, unia volta ao mundo como tantas e tantas vezes tens sonhado. Não acreditas? Achas demasiada tanta sorte? Pois, diz-mos-te mais: se és casado podes levar contigo a tua mulher; se és solteiro e tens uma namorada apressa o matrimónio, porque poderás ofertar à tua noiva a mais bela, a mais extraordinária viagem de núpcias, a viagem que ultrapassa todos os sonhos de enamorados.

Como é delicioso atravessar mares e continentes pelo braço da mulher adorada! Sonhar junto da amurada dos grandes transatlânticos; viver a vida íntima, requintada, dessas enormes cidades flutuantes, com as suas «cabines» de luxo, os seus cinemas, os seus bailes, as suas festas; conhecer a alegria, o alvoroço do desembarque em longínquos e movimentados portos, como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Hamburgo, Xangai, Marselha; atravessar países estranhos, comodamente instalado nos mais velozes comboios da Europa e da America, em demanda de grandes e buliçosas cidades como Paris ou Berlim, Madrid ou Budapeste, onde te esperam — a ti leitor incrível! — as mais estupendas aventuras, deve ser admirável! Vais conhecer os «bas-fonds» das capitais; visitar os museus mais famosos; familiarizar-te com as populações mais estranhas e afastadas; atravessar a Africa e conhecer

Uma viagem maravilhosa,
com todas as despesas
a nosso cargo

de perto os costumes primitivos, as feitiçarias barbas, as belezas das paisagens sertanejas; penetrar na Índia misteriosa e observar as mais velhas religiões de ritos barbaros; lidar de perto com os esquimós que vivem na grande noite polar; vêr a China imensa e as suas províncias misteriosas, onde os habitantes vivem quasi adormecidos por uma civilização milenária; auscultar as grandes cidades orientais como Xangai, cosmopolita e estranha, e Pequim, reliquia de uma tradição antiquíssima.

Atravessares o mar Pacífico e aportar à costa ocidental da Norte America; visitares Los Angeles e São Francisco da California, New York estonteante e Holywood, a famosa cidade do cinema; viajares pelas republicas espanholar e assistires, sem perigo, com a vida bem segura, às grandes revoluções no Mexico, na Argentina, no Chile; familiarizares-te com o interior do Brasil, afrontares o seu clima tropical e tornares à Europa, à Europa do Norte, deambulando pela neveanta Inglaterra, pela calma Holanda, pelos países escandinavos, para em seguida vires gozar, no inverno, a perpétua primavera do Mediterrâneo, com a beleza scenográfica de Napoles, da Corsega, da Sicilia; admirares depois a amena e clássica Grecia, o velho e imponente Egipto das piramides e dos deliciosos passeios através do Sahara — tudo o que a tua imaginação se sente impotente de conceber, tudo o que a tua bolsa seria incapaz de proporcionar, te dará o Reporter X!

A volta ao mundo por um leitor do Reporter X — és tu que a realizas, pela nossa mão experiente, pela nossa mão segura, que te guiará por esse mundo, por todos os países, por todas as cidades, pelas selvas, onde o leão rugue e o selvagem espreita, ao encontro de mil imprevistos, de inesperadas aventuras, deliciosas umas, terrificantes outras, das quais saíras sempre ileso e sorridente.

E esta viagem custar-te-á apenas dez tostões por semana, com todas as despesas de transporte, alojamento e extraordinários — mesmo os mais caros e fantásticos — por nossa conta.

Compra tu todos os sabados o Reporter X e, pela sua leitura, realizarás a viagem que todos sonham e que pessoa alguma ainda realizou completamente.



A REPÚBLICA ESPANHOLA

Recorda-se a passagem dos aviadores espanhóis por Portugal—Uma esperança longínqua—

A atitude do rei—O que nos disse Marcelino Domingo, quando há anos esteve em Portugal

«NÃO conseguimos triunfar no movimento que tínhamos preparado não sabemos por que causas» — disseram-nos em Dezembro último, em Mafra, os aviadores espanhóis que após o fracasso de uma revolução republicana que não foi além de uma hipótese, ou pouco mais, se refugiaram em Portugal.

Nesse mesmo dia, Ramon Franco, que se recusava sistematicamente a fazer declarações sobre a política espanhola, manifestando a sua gratidão pela forma hospitaleira e amigável como os portugueses o tinham acolhido, numa escapada de entusiasmo, escreveu esta frase romântica no nosso *block-notes*:

«La libertad al hombre es como el aire a los animales, sin ella no puede vivir. Por ella y para defenderla, todo».

E escutando estas palavras nós sentiamos pelos aviadores espanhóis como que uma vaga piedade, pois estávamos convencidos de que todos os esforços que aqueles homens vinham fazendo em favor da proclamação da República em Espanha seriam, pelo menos, nestes anos mais chegados, absolutamente vão. O regime monárquico no país vizinho oferecia aos nossos olhos um tão grande aspecto de solidez, a habilidade e o tacto político do rei Afonso XIII pareciam-nos

novo regime que banisse o rei e a monarquia.

E, afinal, o nosso pessimismo não ti-



Ramon Franco

nha fundamento. Uma nova consciência cívica crescia na sombra, um entusiasmo latente invadia a alma popular, preparando a grande surpresa política dos últimos tempos: as eleições municipais, que revelaram a existência de uma força republicana avassaladora. O triunfo eleitoral republicano em todas as cidades espanholas, em algumas por esmagadora e inesperada maioria, foi o fósforo que ateou o incêndio político. A partir desse triunfo eleitoral, os acontecimentos precipitaram-se. O rei, sempre tão sereno e hábil nas suas atitudes, sentiu que o seu reinado — um reinado agitado, febril, tempestuoso, por vezes — tocava o seu fim. Resistir seria provocar em toda a Espanha a mais sangrenta, a mais horrível das guerras civis. A abdicção ou a renúncia era o caminho indicado. Abdicar em quem? O ambiente político permitir-lhe-ia essa resolução? O povo já não se contentava com uma simples mudança de rei — queria ir mais longe, até à mudança radical das instituições. Queria a República. Afonso XIII tomou então o caminho do exílio.

Um novo período histórico iniciou-se em Espanha. Uma nova *élite* tomou conta dos destinos do país. Ao lado dessa *élite*, a prestar-lhe um apoio de delirante entu-

siasmo, está o povo — o povo que deseja ver resolvidos os problemas mais graves. Até que ponto os novos políticos saberão estar à altura da sua missão, à altura das pesadas responsabilidades que o regime deposto lhes legou? Nós, como bons espectadores, vamos sabê-lo. A nossa expectativa, porém, não implica descrença no futuro político da Espanha. Estamos convencidos de que se iniciou naquêl pais uma era de progresso e prosperidade.

Há anos, fomos entrevistar Marcelino Domingo, actual ministro da Instrução, no Hotel de Inglaterra. Vinha fugido à ditadura de Primo de Rivera. Nesse tempo a ideia de República era uma aspiração longínqua, que o entusiasmo de Marcelino vaticinava para muito breve.

— A República em Espanha — dizia-nos êle, com fulgor no olhar — não será uma simples mudança de rótulos. Não será a substituição de uma coroa real por um barrete frígido. Será a reforma da mentalidade espanhola, presidida por novos princípios, por outra educação moral e cívica.

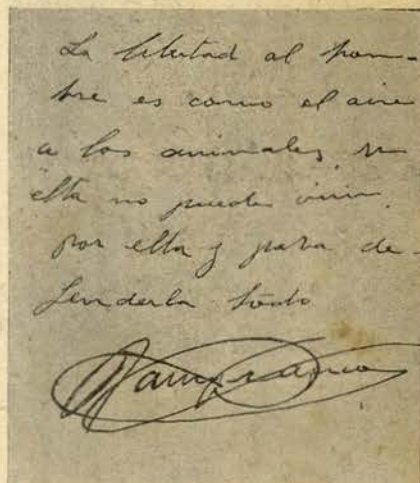
Marcelino Domingo está hoje à frente do Ministério da Instrução. Nas suas mãos se encontra presentemente a mentalidade da Espanha que êle afirmou ser preciso reformar, arejar. Até onde lhe será permitido levar a reforma da instrução? Até onde poderá caminhar a nova mentalidade espanhola que a proclamação da República revelou e que o trabalho infa-



Em Mafra: Aviadores espanhóis abordados pelo nosso redactor sr. Idílio Ferreira

tigável da *élite* revolucionária terá que metodizar?

Estamos em face da Espanha nova. Aguardemos carinhosamente que a República, integrada no sentimento nacional, saiba erguer a Espanha à altura luminosa que merece.



Um autógrafo do glorioso aviador espanhol Ramon Franco

tão superiores que, apesar dos nossos sentimentos liberais e progressivos, não acreditávamos que republicanos e socialistas pudessem implantar, em breve, um

ALFAMA, QUERMESSE DA MISÉRIA E DO CRIME

ENTRE OS "RUFIAS" DE LISBOA

DEPOIS de Geo London viver, dois meses, com os «Al-Capone», de Chicago; de Berenguer ter desavido a existência, a monte, dos últimos salteadores da Calábria; de Dupin se ter infiltrado nos bandos secretos de Sicília e de Pujol ter revelado os segredos dos «apaches» de Marselha, um redactor do Reporter X acamarada, duas semanas, com os últimos «rufias» de Lisboa, invade os seus antros, penetra nas suas almas e nos seus segredos mais íntimos. A reportagem que iniciámos no número passado prossegue, com uma crescente emoção, numa contínua sacudida de nervos, dilatando-se, de capítulo para capítulo, o suggestivo interesse com que o espírito brilhante de Americo Faria sabe magnetizar o seu jornalismo.

QUEM do Miradouro de Santa Luzia deixar entornar a vista sobre o maravilhoso cenário que a seus pés se estende em anfiteatro, tendo por fronteira inultrapassável



O misterioso violinista de Alfama — que já ocupou no mundo artístico uma posição de destaque — conversando com o nosso redactor

as águas do Tejo, que ao fundo borbulham doadamente, julga-se transportado a alguns decénios atrás, ao tempo longínquo da Lisboa que D. Tomás de Melo nos descreve na «Boémia antiga». Vê-se um formidável aglomerado de telhados típicos a cobrir o casario esguio e desigual, de contextura primitiva e edificado ao acaso em ruelas espalmadas e miseráveis onde o sol nunca consegue entrar.

E' Alfama! E' mais um bairro de tragédia e de lama da Lisboa desconhecida, dessa Lisboa convulsionada de dramas, de vilezas, de misérias, de trações. E' um novo parentesis da burguesia cidade dos prazeres que, para lá, mais além, vibra e se afoga num mundo de delírios, e vive egoísta na alegria da ignorância, da inconsciência.

A' direita, ao alto, um casarão amarelo e sombrio, de numerosas janelas fortemente gradeadas, debruça-se sobranceiramente altivo sobre o velho bairro, como senhor odiado que se vinga

As sombras de mistérios do mais excêntrico bairro lisboeta — Na baiuca — O «Miguelito» — Almas infernais — Uma tragédia nocturna — Quem era aquela mulher... — O «Estrangeiro» — Mozart nas vielas — Segrêdos da noite

com desprezo de quem o odeia. Dão-lhe o nome de Limoeiro e parece orgulhar-se da vassalagem forçada que Alfama lhe presta...

As sombras que passam

Alfama de dia é tão sómente pitoresca com a sua população pícara, que vive em autênticas furnas — esconso insalubres, de impressionante realismo, a denunciar-nos horrores. Pelas portas escancaradas, devassando atmosferas assassinas, corrosivas, e cenários enfezados, de evidente agonia, há mulheres flácidas, desbotadas, espiolhando-se umas ás outras e assoalhando, para entreter, a vida dos vizinhos. Pelas ruas, nos desvãos escondidos, bandos de garotos viciam-se como autênticos malandros, dos quais a sociedade nada pode esperar. Jogam ás cartas ou aos dados. Eles receberam por única herança dos ascendentes a hereditariedade da sífilis, do alcoolismo e da... canalhice. De noite o ambiente transmuda-se. Agora há crime. Visiona-se a facada. Tornejam-se as esquinas, com cautela. Os passeantes observam-se com desconfiança. De tempos a tempos vislumbra-se vagamente um «cívico» postado em qualquer sítio largo — porque as vielas são muito estreitas e escuras...

No primeiro dia identifico-me com o local. Vagabundeio o incomensurável dédalo de bécas — todos com saída, todos com tabernas regoitantes de freguesia turbulenta, avinhada, perigosa. Vou apreendendo notas para a reportagem, vou auscultando o viver da turba, conhecendo tipos, fixando recantos, embrenhando-me por meandros tenebrosos... Janto em casas de pasto imundas, acamaradando em mesas comuns com os mais perigosos espécimes do género humano — curiosa colecção de tipos e de psicologias... A primeira pergunta que nos salta ao cérebro mal entramos numa dessas casas é a seguinte: — «Mas, finalmente, de que vivem estes indivíduos?... Se nós os vemos sempre, a todas as horas, metidos nestas baiúcas a escorripichar copos de vinho e a fumar como turcos!?!» — «De nada! — responder-nos-á o nosso raciocínio. — Estes são os homens-toupeiras da vida, são os que vivem pelos subterrâneos da existência à margem da Sociedade e da Justiça humana...»

«Miguelito» — o meu «cicerone»

E' noite. A amalgama de vozes enrouquecidas pelo alcool, barulhentas, atropelantes, saída de uma taberna próxima, atrai a minha atenção ávida de casos pitorescos. Entro numa espécie de cova-funda, mal afamada, rúes e sórdida. O seu nome para efeitos de registo comercial é *Flôr de Alfama*; mas, de facto, é conhecida apenas por *Tasca do Simão*. Abarrota de *habitués* patibulares, de perfis duros e máscaras agressivas...

Quando entro sou alvo da curiosidade geral. Observam-me à supaca,

com desconfiança latente, mas creio que os tranquiliza o meu ar inofensivo e confiante. No final de alguns minutos um rapazola, esguio, de bonet cinzento ageitado a capricho e *cache-nes* de seda azul enrolado ao pescoço, de andar gingão, provocador, dirige-se-me a pedir lume. Aproveito a oportunidade para entabolar conversa, dando-lhe depois a entender, em meias tintas, a minha situação de «escapulido à polícia, por furto...» O vinho fez em seguida o resto. De aí por algum tempo eramos já dois *óptimos camaradas*, confidenciando segredos e permutando a nossa história.

Juventude trágica

O meu novo amigo é conhecido na vida pelo diminutivo de Miguelito. Da sua existência de vinte e tantos anos de duração podia fazer-se um completo e suggestivo romance de aventuras. Recemnacido, fôra uma manhã encontrado ao abandono nos degraus da igreja de S. Miguel, tendo sido recolhido por uma costureira, orfã também, pobre e bonita, que morava na Rua da Galé e que, por não ter mais ninguém no mundo a quem dedicar afeição, o levou para casa, cuidando dele como se sua mãe fôsse. O garoto foi assim crescendo, no meio de sacrifícios e de carinhos, entrando aos quinze anos, como aprendiz, numa qualquer marcenaria a fim de aprender um ofício digno. Foi a sua perdição. Na mesma oficina trabalhava a essa data um sincero agitador de questões sociais, que embriagou o rapaz



Um aspecto geral de Alfama — A' direita, ao alto, o casarão do sombrio Limoeiro parece comprazer-se na vassalagem do bairro

de teorias idealistas, filiando-o numa associação secreta. E, como succedeu com tantos outros exaltados, Miguelito traíu, a breve trecho, os seus princípios ideológicos passando aos do banditismo e começando então a ser vigiado de perto pela polícia e a ser considerado indesejável pelos industriais. Nunca mais trabalhou. Em 1923 ei-lo a tomar parte activa na acção terrorífica da «Legião Vermelha», colaborando nos atentados contra os juizes do Tribunal de Defesa Social e contra o Governador Civil de então. Depois salienta-se a extorquir grossas maquiãs, sob ameaças, a *clubs* da Baixa e a diversas casas bancárias. E para inutilizar a repressão enérgica da Polícia de Segurança do Estado, dirigida pelos chefes Vergílio Pinhão e Artur Candeias, toma parte em novos atentados, dos quais um ia vitimando o primeiro dos feridos chefes. Estes, porém, não desistem: Artur Candeias, ameaçado de morte, correndo grave perigo a sua vida, consegue dentro em pouco apoderar-se de todos os segredos da organização da «Legião Vermelha», prendendo os seus elementos mais representativos. A associação fica, deste modo, bastante enfraquecida, não demorando muito tempo a sua aniquilação total.

«Miguelito», contudo, soube escamotear-se ás malhas apertadas da polícia, conseguindo pôr-se a bom recato. E decorridos dois anos, já esquecido o seu nome, reapareceu para continuar nos seus malabarismos tenebrosos. Referentemente a cadastro conta umas respeitáveis doze prisões — as três primeiras por questões sociais, uma por suspeita de assassinio e as restantes por furto, agressões, etc.. Tal é o passado deste terrível «rufia» de vinte e tal anos — que é já um veterano do banditismo.

Almas no pântano

Após algumas horas de conhecimento, convidou-me a ir com ele *buscar dinheiro ao Banco* — para me servir da sua própria expressão. Acompanhei-o. E ele, adivinhando talvez as cogitações íntimas que me cachaolavam no cérebro, exclamou, rindo: — Estás admirado de eu ir buscar dinheiro ao Banco?... Já vais ver que espécie de Banco é esse que está aberto até tão tarde...

Descemos ao Largo do Chafariz de Dentro, atravessámos a Rua Jardim do Tabaco e palmilhado um pedaço da artéria que fica entre esta última e o Cais da Areia, por detrás do edificio da Bolsa Agrícola, parámos. Miguelito afastou-se de mim, por momentos, dirigindo-se a duas silhuetas confusas que mal se percebiam na sombra subvertedora dum ângulo da

rua, aí a uma distância duns quinze metros. Olho curiosamente, tentando fixar a polícia e a ser considerado indesejável pelos industriais. Nunca mais trabalhou. Em 1923 ei-lo a tomar parte activa na acção terrorífica da «Legião Vermelha», colaborando nos atentados contra os juizes do Tribunal de Defesa Social e contra o Governador Civil de então. Depois salienta-se a extorquir grossas maquiãs, sob ameaças, a *clubs* da Baixa e a diversas casas bancárias. E para inutilizar a repressão enérgica da Polícia de Segurança do Estado, dirigida pelos chefes Vergílio Pinhão e Artur Candeias, toma parte em novos atentados, dos quais um ia vitimando o primeiro dos feridos chefes. Estes, porém, não desistem: Artur Candeias, ameaçado de morte, correndo grave perigo a sua vida, consegue dentro em pouco apoderar-se de todos os segredos da organização da «Legião Vermelha», prendendo os seus elementos mais representativos. A associação fica, deste modo, bastante enfraquecida, não demorando muito tempo a sua aniquilação total.



atar a correr passando junto de mim como uma rajada. A seguir oiço distintamente o ruído de duas bofetadas, e uma voz feminina, implorativa, chorando, simultaneamente terna e amargurada, soluça:

— Perdôa, Miguelito!... Eu não sabia que tu me aparecias aqui

Aproximo-me rapidamente. Examino a mulher. E' uma pobre criatura que tanto pode ter trinta como cinquenta anos de idade. No rosto, de beleza distante, estampam-se mortificações e desgostos; e a figura, enovelada em surrado chale de algodão escuro, deixa adivinhar ainda umas fôrmas correctas, a-pesar da evidente magreza e dos sinais de miséria.

Ao aproximar-me vejo Miguelito fechar uma enorme navalha — dessas de ponta aguçada que dão estalinhos ao abrir. Ela, a desditosa *trotouse* vagabunda, olha-o temerosa. E a uma fraze dele, murmurada ao ouvido, passa-lhe dinheiro para as mãos. Afasto-me revoltado com o ocorrido. Logo depois distingo o murmúrio discreto dum beijo e junta-se-me Miguelito, enquanto ela, esttua fatalizada da Dôr, se afasta a chorar silenciosamente, angustiada, a procurar, entre os marítimos brigões, alugador para a sua triste mercadoria...

— Porque lhe bateste? Ela, coitada, não teve culpa do sucedido...

Desenhando na boca um sorriso de desprezo, responde-me, dogmático:

— E' assim que elas gostam dum homem. E tirando do bolso o dinheiro que ela lhe entregara, pôs-se a contá-lo. — Doze milhafres — silabou por entre dentes. — E' pouco... Tenho que pôr esta *bica* com dono...

— Há quanto tempo é ela tua amante? — perguntei.

Fitou-me espantado. E após uma pausa retorquiu, com naturalidade:

— Sei lá! Quando isto começou, não sei... Ela é a mulher que me criou de pequenino... Já vêes que há muitos anos já que somos amantes...

Suponho que estremei ao ouvir a torpe confidência. E tive uma forte tentação de agarrar num braço do paife e entregá-lo ao primeiro polícia que encontrasse. Mas foi forçoso arranjar coragem para acompanhar o infame bilre, *souteneur* miserável da própria mulher que o acalentou nos braços, que o amparou na vida — da mesma mulher a quem espanca e à qual, ainda hoje, chama mãe

Dentro da noite

Deambulo pelo dédalo sombrio da velha Alfama.

(Conclui na pag. 14)

Existem, sob Lisboa, descendentes das vítimas daquela catástrofe?

Uma recordação... — Os terramotos japoneses e os nossos — O mistério das «fendas» de Osaka — As casas que são «engulidas», inteiras e intactas, pela terra — A lenda árabe e os habitantes da Lisboa subterrânea — A prova dos nove...

ESTA reportagem nasceu da recordação de uma recordação; da reminiscência de uma reminiscência... Muitas vezes lembramo-nos de um episódio inverosimilmente distanciado de uma cena da nossa mais longínqua meninice e julgamos, erradamente, que essa cena, esse episódio ressurgiu no nosso espírito, vindo, em linha recta, da época em que se desenrolou. E não veio. É que a nossa memória conservou-o durante alguns anos, e antes de o apagar para sempre fê-lo reviver, um momento, passando de um arquivo para outro arquivo. Mas neste segundo arquivo do cérebro não é o primeiro, o autêntico caso que se guarda mas sim o seu reflexo, a recordação da recordação, a reminiscência da reminiscência. E assim se explica o que se vai ler...

Era o autor destas linhas menino e moço e, acompanhando a família a um jantar de festa, em casa de uns parentes, conheceu um cavalheiro idoso, com o rosto rubicundo pontegudado por uma barbicha branca, olhos vivíssimos, conversa magnética de interesse que entreteve, durante toda a noite, os convivas. Escutámo-lo numa sugestão intensa, como se desfilasse ante nós um cortejo de maravilhas, de fadas e gnomos, feiticeiras e bruxas. Mas de todos os assuntos da sua palma constante um nos impressionou mais do que os outros, dilatando-se no nosso espírito e demorando-se num misto de horror medroso e de atracção misteriosa. Queríamos ver aquilo que ele descrevera, e ao mesmo tempo, mal anoitecia, afugentávamos essa visão como se fosse uma praga de papões... Depois, começou a espaçar-se essa recordação, e cremos que se diluiu por completo...

Isso foi... foi há uns bons vinte e cinco anos. E só outro dia um segundo facto, produzindo dentro de nós um clarão de interesse, veio iluminar esse facto esquecido, a palestra que escutáramos, em pequenos, a um ancião de barba branca, num jantar de família...

Mistérios do terramoto japonês

A propósito dos últimos terramotos do Japão



fez-se uma literatura completa. Os alemães, mais atentos que outro povo qualquer à «novidade» literária do estrangeiro, publicaram um resumo de todos os livros provocados por essa fatalidade em série dos nipónicos, ao qual deram o título de «San-Hot». «San-Hot» é uma espécie de mitologia japonesa, fatalista, pessimista, profética, em que se glosa continuamente essa predestinação: «As ilhas da Deusa Sol nasceram das águas; não existiam onde estão. Uma manhã as águas abriram-se e elas apareceram. Uma noite as águas não-de abrir-se e elas não-de regressar ao fundo dos mares»...

O título do livro tem duplo sentido: o das profecias dogmáticas dos fanáticos e o dos estudos práticos dos sábios. E na selecção de vários trechos das várias obras dedicadas aos contínuos terramotos que têm sacudido o arquipélago de Madame Butterfly, um se salienta entre todos. Foi escrito por um sábio japonês, sumidade admirada por todas as academias. Ei-lo:

«No norte de Osaka, o terramoto de 1923 manifestou-se de forma diferente do que nas outras cidades. A sacudida foi menos violenta, mas em compensação a terra abriu brechas de forma inédita em todas as catástrofes semelhantes que a história regista. Essas brechas, em vez de serem *vácuos triangulares* (tradução textual) pelas quais se submergiam casas e gente, esmigalhadas depois pela convulsão da própria terra, que se contorcioneva num movimento agónico, rasgavam-se como cubos de profundidade difícil de precisar, mas de abertura pouco vasta e extraordinariamente regular. Sucedeu até que várias casas, cujas dimensões correspondiam às das bocas dessas brechas, desceram pelo abismo lentamente, amparadas pelas próprias paredes recém-rasgadas, levando no seu interior todo o seu conteúdo, habitantes e haveres. Testemunhas incapazes de uma suspeita visual e muito menos de uma fantasia o garantiram e o explicaram, com todos os detalhes. Mas o mais intrigante desse fenómeno é que aos tremores que se seguiram essas fendas fecharam-se, não superficialmente, mas pro-

fundamente. Tanto assim que, inspirados pelos testemunhos já evocados, empreendemos escavações a 10, 20 e 30 metros, sem que se encontrasse um único vestígio dessas casas engulidas, inteiras, pela terra, como as cobras engolem os coelhos...»

Lendas árabes sobre Lisboa subterrânea

Foi este o alarme que preparou o nosso espírito para a evocação do que escutáramos em pequenos. Mas não imediatamente a seguir à leitura destas revelações o recordámos. Essas leituras formaram um polo; o outro polo foi uma epístola que a propósito da nossa reportagem sobre Lisboa subterrânea nos dirigiu o ilustre arqueólogo dr. João Cabral Gouveia — a mais rica biblioteca de documentos históricos que existe no Minho e cujos serões, passados na província, são totalmente gastos em valiosíssimas investigações ao passado. Escreve-nos o citado dr. Cabral Gouveia, nos seguintes termos:

«Meu caro R. X.: Recordar-se V. certamente de várias conversas que tivemos, aqui, em minha casa, durante a sua última viagem pelo Minho — e não se esqueceu ainda, estou certo, de certas insinuações que lhe fiz sobre o terramoto de Lisboa. Existe uma zona negra, sujeita a essa fatalidade, zona que alcatifa de ameaça parte da Ásia, o sul da Europa e que passando por Lisboa salta para o ocidente americano, desde a Califórnia até ao Chile. Mas nem todos os terramotos são iguais. Variam de estilo conforme a causa que é, de uma forma geral, vulcânica, mas que acompanha a variedade dos vulcões que lhes dão origem. Assim, a sub-zona de Lisboa depende dum vulcão ignorado — vulcão da Serra de Sintra, que mais tarde ou mais cedo (os sábios especialistas profetizam-no para daqui a 5 séculos) há-de regressar a uma actividade que se suspendeu em épocas imemoráveis. O *estilo* dos terramotos portugueses são eloquentemente semelhantes aos de certos pontos do oriente — sobretudo aos do sul do Japão, devido às mesmas razões — produzindo os mesmos efeitos, como é natural...»

«Ora, segundo a opinião de vários viajantes ilustres que se dedicaram no Japão a esse estudo, cidades como Osaka, Yokohama, Tokio, etc. estão minadas de labirintos subterrâneos, tão matematicamente combinados que parecem obra dos homens — e de homens inteligentes e cultos. Porque não havemos de atribuir a indiscutível existência dos subterrâneos de Lisboa aos terramotos que ela tem sofrido? Pode-se retorquir que o grande terramoto da capital deu-se em 1755 e que Lisboa subterrânea era já do domínio dos árabes, quando eles a possuíam, como senhores. E quem pode negar que Lisboa sofreu terramotos tão violentos — ou mais ainda — do que o de 1755, em épocas em que não foi possível registá-los na História?

«Mas há mais e melhor. Um espanhol, catedrático em Sevilha e muito dado a estudos árabes-históricos — Leon de Castro — reuniu,

em 1908, uma série de tradições orais, ainda hoje existentes entre os antigos dominadores da Sibéria — referentes à sua estadia na península. Dêsse livro, que se intitula «Los árabes en Europa», recolho os seguintes trechos: «Uma das lendas mais pitorescas e inverosímeis que os árabes levaram da península, ao serem expulsos pelo cristianismo, e que melhor provam a sua ingenuidade, em desmentido ao optimismo dos que crêem na sua intelligencia privilegiada, é a que se liga a Lisboa. Segundo essa lenda, quando eles, temendo a conquista pelos lusos, se preparavam para utilizar certas passagens subterrâneas que haviam descoberto na velha cidade e que os podia conduzir até ao rio — foram alarmados pelo ruído de vozes humanas que se filtravam através do solo desses mesmos subterrâneos. Após longas escavações, deram com uma gruta enorme, povoada por centenas de seres humanos, falando uma lingua ignorada por eles e que viviam regularmente, iluminados pela fraca claridade que lhes vinha de umas frechas abertas a uma altura incalculavel, e cultivando legumes exóticos, produto natural da terra lamacenta que pisavam. Afirma ainda a lenda que essa gente, após mil trabalhos para se fazer compreender, explicou que descendia de várias famílias que, havia mais de mil anos (o tempo era contado por eles pelo sistema dos le-



prosos nas gafarias) tinham caído ali pelas brechas abertas por um tremor de terra violento. Nenhum mal lhes sucedera; e ao verem-se prisioneiras daquela gruta subterrânea (uma abobada se formara logo a seguir à queda, fechando-as e isolando-as do resto do mundo) tinham procurado viver — alimentando-se das taiservas espontâneas que cresciam à sua volta, bebendo a água que surtia das gretaduras das paredes e multiplicando-se, através dos séculos...» O comentário de Leon de Castro não pode ser mais

pessimista. «Esta lenda é fantasia e da pior visto que não oferece um único ponto de lógica nem de graça... Nenhum historiador regista terramotos ao sul de Portugal no principio do cristianismo (mil anos antes da tomada de Lisboa pelos lusos corresponde ao primeiro século após a morte do Salvador). Mas nem que registasse — é preciso ter uma mentalidade infantil como a dos árabes para criar e crer numa mentira tão sem pés nem cabeça como esta de várias famílias caídas num abismo por uma fenda aberta por um abalo sísmico — famílias essas que continuam a respirar, a alimentar-se e a procriar, como se vissemos à luz do sol...»

«Não sou da opinião do ilustre catedrático sevilhano e tenho várias razões para acreditar piamente na lenda que ele colheu. E entre essas razões sobreponho a de que Lisboa esteve sempre ameaçada pelo mesmo estilo de terramotos do Japão, e no Japão há muito que os historiadores admitem essas hipóteses das fendas «engulidoras» de casas inteiras, com o seu recheio humano e não humano. No maior de todos, que foi o que destruiu todo o sul de Mentjura em 1760 (cinco anos depois do de Lisboa) esses casos foram frequentes. Nunca se pôde comprovar, como é natural, se os entes engulidos pela terra eram logo esmagados ou se chegavam com vida aos «ócos» onde essas casas desciam. Mas... o que não me resta dúvida é que parte dos caminhos subterrâneos de Lisboa é produto espontâneo dos terramotos.»

As descobertas do engenheiro Carvalho

Esta carta, juntamente com o já citado episódio do terramoto de Osaka, acabou por fazer faiscar a recordação da... recordação da minha meninice. Fácil me foi reconstituir a scena interrogando «pessoas maiores» que me acompanharam a esse jantar. Chamava-se Carlos Rodrigues de Carvalho o ancião que encheira a noite e sugestionara todos os convivas com a sua palestra. Era engenheiro, trabalhara muitos anos em Africa, e depois, por conta do Município, nas canalizações da cidade, e, por fim, foi contratado pela Companhia dos Eléctricos para dirigir certas obras preparatórias da montagem do tráfego mecânico. E entre façanhas e caçadas que tornaram num romance de aventuras a sua passagem pelos trópicos relatou — parece que o estou ouvindo — este episódio, o mais recente de todos. Chefiava ele umas escavações na Avenida da Liberdade, próximo da Praça da Alegria, ignoro se na época em que estava na Câmara Municipal ou se na em que pertencera à Carris. Recordo-me, sim, que por imprevistas necessidades tivera de profundar um poço a dez metros, ou mais, do solo, o que nunca lhe sucedera. Quando os operários atingiram aquela profundidade, sentiram, pelo atrito que se oferecia às suas picaretas, uma notável mudança de terreno. Mais: o ruído que o metal arrancava no seu contacto brutal com a terra variava e aumentava de sonoridade, de tal

modo que a todos alarmou. Chamado pelo seu pessoal, o velho engenheiro ordenara especiais precauções, limitando a um círculo diminuto a zona que devia ser ferida em primeiro lugar pela ferramenta dos operários... Logo aos primeiros golpes — ou seja a uma espessura de 15 ou 20 centímetros — acabara-se a resistência da terra, perdendo-se as picaretas no vácuo; e mal se rasgou o círculo calculado pelo engenheiro, ao olhar sófrego daquela gente deparou-se uma cova de 10 por 15 metros, aproximadamente, esbranquiçada por uma claridade mui ténue e que não era a que escorria pela abertura recém-rasgada... Mas o que imediatamente alertou o engenheiro e os seus homens foi a descoberta da lisura do terreno e das paredes, todo o arranjo da cova, algo de geométrico, algo de calculado e realizado por um cérebro e por um braço humanos; e ainda uma mesa e vária louça antiga, arrumada a um canto. Imediatamente se dilatou a passagem, se buscaram escadas e se desceu à cova onde se viu, além do já citado, alguns moveis, mais louça e até roupa esfiada e apodrecida pela humidade. Ao fundo havia uma nova abertura rectangular que dava para uma segunda cova; e desta passaram a uma terceira, através de outra abertura gêmea à primeira. Pasmosas e emocionantes surpresas os aguardavam nesta terceira cova. Em primeiro lugar, uma das paredes era feita por um «retalho» (empregamos a palavra exacta que a memória nos reproduz) da fachada dum prédio — porta e janelas. Dir-se-ia que uma faca gigantesca «cortara» um «pedaço» do prédio e o colara ali. E digo colara, porque detrás das janelas (cujos vidros estavam estilhaçados) e da porta, aberta de par em par, erguia-se uma camada de



terra, pedras que entulhavam a passagem para além... Mas não era tudo. Havia no centro da cova, uma mesa de jantar, cujas pernas estavam substituídas por peças de outros móveis, com toalha, já negra pelo tempo e pela terra caída; pratos, restos de comida em estado quasi... de fosseis e cinco esqueletos humanos, caídos das cadeiras com as vestes que recordavam as em moda no século XVIII, completamente a desfazerem-se, como se fossem de cinzas...

Relembro-me ainda do remate que o velho engenheiro, ante o auditório que ele prendera numa verdadeira hipnose, dera à sua narrativa: «Ocultei o melhor que pude a minha descoberta, premeditando uma exploração em forma a fim de decifrar completamente aquele mistério. O *Diário de Notícias* ainda bisbilhotou um pouco em redor do meu achado — sem que roçasse pela verdade. Mas foi o bastante para que se erguesse contra mim uma tempestade de invejas, de calúnias, de disparates, negando-se-me os recursos indispensáveis para tal empresa. Desisti de prosseguir, e mandei aterrar o que

(Conclui na pag. 15)

A tragédia das minhas vizinhas

A mala misteriosa — M.^{me} Bessarabo, a poetisa do Square Pigalle — A velha modista da Rua Montagne de la Cour — Dois epílogos simultâneos

DIZIAM os antigos ingénuos e os modernos sábios em teosofia que todos nós, ao sairmos do Mistério do Nada para as trevas da vida, ficamos umbilicalmente ligados a uma ficha. A essa ficha chama-se o Destino. Por muito materialista que ás vezes basofie ser



A loja de Madame Lacroix, na Rua Montagne de la Cour, 35, em Bruxelas

— eu, no fundo, creio nessa ficha. Profetizo-a como se a conhecesse. Os factos que formam todas as acideências desta minha caminhada pela Terra provam de uma forma insofismável a ritmia do Acaso, que os descrentes apodam de *coincidências* e que os outros sintetizam numa frase: «Estava escrito!» No meu Destino está escrito eu ser eternamente espectador involuntário nas *avant-scènes* e nas *répétitions générales* de todos os acontecimentos invulgares da existência. Folheando as recordações do passado, vou encontrar, sempre em ritmo, como bailando só para mim, os mais emocionantes e inesperados romances da vida, agrupados, classificados, arregimentados nos *dossiers* das coincidências...

O crime de Square Pigalle... O crime da Rua Montagne de la Cour... Duas tragédias, duas manchas de sangue que avermelharam o meu olhar no mesmo ano, no mesmo mês... Isso foi em 1920... Estamos em 1931... E onze anos depois, simultaneamente, as duas tragédias rematam-se ante o meu olhar surpreendido. Eu conto.

Em 1920, dirigia em então em Paris os serviços europeus dum organismo jornalístico internacional — a «Agencia Americana». Instalara-me num pequeno *appartement* da Rua Pigalle 52 — ao lado da célebre *Lune Russe*, a dois passos de Montmartre, frente a Square Pigalle... Estávamos no verão... E à tarde, antes de jantar, esalfado por intenso trabalho de muitas horas, debruçava-me, na minha janela, sobre esse «film» inverosímil e palpitante que é a multidão parisiense... Foi assim que conheci alguns vizinhos... No segundo andar do prédio mais sumptuoso do *square* existia uma família que, desde o primeiro dia, me chamou a atenção... Compunha-se de um casal pouco jovem — ela teria uns quarenta anos, era *coquette*, pretenciosa, dum pedantismo elegante; élé grisalho, magro, cansado — e de uma pequena de formas redondas e sadia, mais simpática do que bela, filha do primeiro matrimónio da dama — e enteada, portanto, do cavalheiro. Mais tarde soube que se chamavam Bessarabo — *Monsieur* e *Madame* Bessarabo —; que ela tinha pretensões literárias, frequentava «*cercles*» intelectuais e escrevia versos sob o pseudónimo de Hera Mirtel e que o marido, romeno de nascença, negociava em joias.

Uma noite vi-os sair juntos... Disputaram em surdina... Era ao entardecer — a hora mundialmente nostálgica... Não sei o que ela lhe disse... Sei, fixei, amais esqueci o olhar de

terror, o gesto de fuga e de pânico que éle esboçou... Tive um palpite... Oito dias depois partia de casa para uma *première* e vi, no *square*, deserto áquela hora, um «taxi» parado; um *chauffeur* ajojado a meter uma mala enorme no carro, a mãe e a filha assistindo impacientes, no passcio, ao trabalho do *chauffeur*... Uma semana se passou... Uma manhã toda a imprensa relatava, a duas colunas, a misteriosa desapareção de Mr. Bessarabo... Estremeci — recordando... o palpite que tivera... E logo...

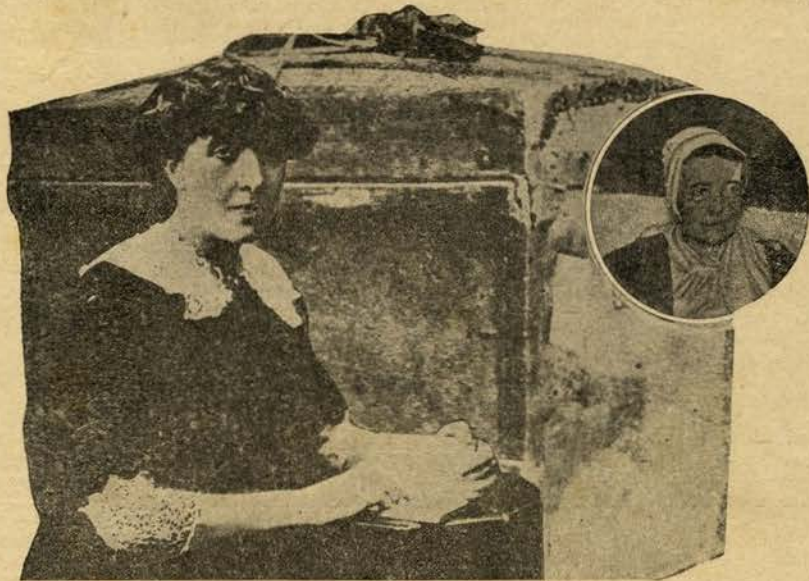
* * *

Fôram os empregados primeiro, e depois a esposa, quem participou à policia que Mr. Bessarabo não aparecia, nem no escritório nem em casa, havia 48 horas. A policia trabalhou durante uma semana, sem resultado... E o caso, que alertara o público, sófrego de emoções, rapidamente foi suplantado por outro *fait-divers*. Uma mala expedida para Nantes e que ninguém requisitara atraía a atenção dos moços pelo cheiro pestilento que exalava. Resolveram abri-la, e deram com um cadáver, nú e transfigurado, no interior. Quem seria o morto? Os reporteres fantasiaram mil novelas, mas o mistério teria ficado por decifrar se um *chauffeur* não viesse cochichar ao commissário que o patrão, Mr. Bessarabo, lhe dissera uma vez: «Se um dia eu desaparecer já sabes que foi minha mulher que me fez a mesmo do que ao primeiro marido.» O commissário, antes de prender a minha vizinha, iniciou um discreto inquérito. De facto

premsa dos interrogatórios. Confessou quasi tudo... Que havia um mistério entre ela e o marido. Que esse mistério a obrigara a assassiná-lo na noite de 26 para 27 de Junho. Como? Éle chegara tarde a casa e deitara-se... Alta madrugada chamou a filha e disse-lhe de chofre: «Matei o teu padrasto. Deixei-o adormecer e colando o cano da pistola à frente, disparei quasi sem fazer ruido. Agora é preciso que ajudes a tua mãe a evitar as consequências do seu acto...» A pequena, entre lágrimas mas obediente, ajudou-a a trazer do último andar uma velha mala, na qual meteram o cadáver, fechando-a a seguir. Na noite seguinte — nessa noite em que eu, a caminho do teatro, assisti à sua saída de casa — chamaram um «taxi», meteram a mala e dirigiram-se à gare du Nord. Af, depois de vários *trucs*, tomaram outro «taxi» e fóram à gare de l'Est. E depois de passarem por várias gares e vários «taxis» com o fito de não deixarem vestígios, lá a expediram para Nantes. O cadáver encontrado naquela cidade era de facto o de Mr. Bessarabo.

O tribunal absolveu a filha e condenou a mãe. Quanto ao *mistério* que a levou a matar o segundo marido (e talvez o primeiro) ficou em trevas! A poetisa, num gesto de comediante, jurou aos juizes que era tão grave que, embora bastasse confessá-lo para que lhe dessem a liberdade, nada diria...

A «Agencia Americana» fundara pouco antes uma redacção em Bruxelas, na Rua Montagne



Madames Bessarabo e Marcelle Lacroix (esta no medalhão)

a poetisa casara, muito nova, no Mexico, com um francês, e éste francês morrera misteriosamente, sem que nunca se descobrisse quem fóra que misturara um veneno violentissimo no copo de cerveja que o fulminara. Madame Bessarabo pouco tempo resistiu à

de la Cour, 35... Era um prédio de estilo portuense. Lá em baixo, uma loja de modista, pertencente à senhoria, que vivia no segundo andar. O primeiro era destinado aos redactores da Agencia.

(Conclui na pag. 14)

ENTRE PORTUGAL E ESPANHA

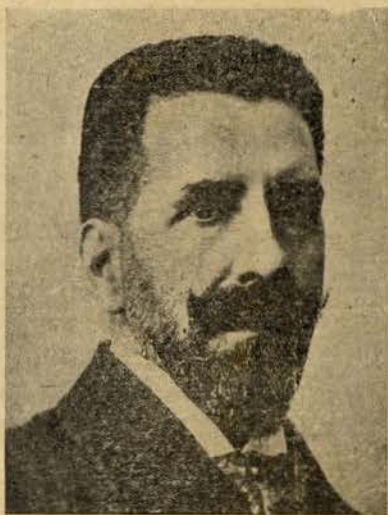
houve uma tensão de relações, após a proclamação da República em Portugal, motivada pelos manejos dos exilados políticos portugueses em Espanha

A proclamação da República em Portugal foi, sem dúvida, um dramático acontecimento que muito emocionou o mundo. As democracias americanas acolheram o novo estado de coisas com alegria; os velhos troncos da Europa sentiram o perigo e tremeram. Paris, onde se reflectem e se focam os choques nervosos que sacodem as nações civilizadas, teve o seu minuto de intensa emoção, a que não escapou o *blasé* dos «boulevards», o parisiense enfartado de viver. Veio, logo a seguir, a reacção dos seis últimos representantes de desoradas e caquéticas dinastias. E a breve trecho surgiu o espectro da contra-revolução, chefiada por um português, que teve, certamente, alguma energia sob a epiderme. A verdade é que a República foi vista com maus olhos pela corte de Espanha, que se esforçou por criar à marcha da nova democracia europeia grandes, mesmo terríveis dificuldades. Um incidente diplomático, desenrolado em Madrid, causou apreensões, fez temer a guerra... A prudência do gabinete espanhol, guiado por Canalejas, evitou-a. O relato desse episódio é que fará o assunto desta reportagem.

A República foi proclamada em Portugal com geral aplauso da nação, não só na Metrópole mas até nos mais remotos territórios do seu vasto domínio ultramarino: nas duas Áfricas, na Índia, em Macau, em Timor. Em parte alguma do mundo português se gaguejou o mais anodino protesto, caso raro e muito significativo, que não encontra similar senão na restauração de 1640, que, ainda assim, foi manchada com o protesto de Ceuta, que preferiu o domínio castelhano à fraterna união com Portugal. Mas — coisa curiosa! — logo no ano seguinte ao da proclamação do novo regime, em 1911, fizeram explosão as intrigas dos descontentes, infecta vermina que, não podendo desenvolver-se em território lusitano, alastrou para o estrangeiro, armando-se contra a Pátria, num impudor tão manifesto que causou o espanto do mundo culto. Castela foi eleita para quartel general das hostes monárquicas, com singular benevolência da Corte e do governo, principalmente da Corte. Paiva Couceiro reuniu em torno de si um bando de gente heteroclita, bem fornecida com o dinheiro que chovia de toda a parte onde havia reacção. A imprensa mercenária fazia causa comum com os contra-revolucionários, vociferando calúnias sobre Lisboa. Estes e muitos outros esforços foram vão como é sabido! A República Portuguesa consolidou-se, triunfando dos seus inimigos. A tensão de relações entre Madrid e Lisboa acentuou-se, entretanto, muito, mesmo muitíssimo. Houve um momento em que a guerra esteve prestes a deflagrar! E foi então que se produziu um incidente, bastante curioso, em que intervieram, principalmente, o chefe do governo espanhol e o ministro residente que Portugal mantinha em Madrid. O qual chefe de governo era Canalejas, sendo ministro José Relvas, ambos estes estadistas já falecidos.

José Relvas não foi, porém, o primeiro representante diplomático do governo republicano de Lisboa acreditado junto do Palácio do Oriente. Antes dele foi o Governo da República Portuguesa representado por Augusto de Vasconcelos junto do governo de Afonso XIII, tendo o ministro português de revestir-se duma paciência beneditina para carregar, impassivelmente, com as torrentes de duplicidade castelhana, que sorria amigavelmente

para Lisboa enquanto ia consentindo e até protegendo as manobras restauracionistas que se desenvolviam na fronteira. Augusto de Vasconcelos insistia, pois, com Canalejas para que fizesse desarmar e internar os contra-revolucionários que infestavam a fronteira, como, aliás, era estrito dever da Espanha; mas Canalejas, influenciado por Afonso XIII, opunha formal desmentido às afirmações do Governo Português, escudando-se no ministro de la Gobernacion, que é como quem diz do Interior ou do Reino, que dos seus agentes provinciais recebia notícias em contrário, isto é, que na



José Relvas

fronteira não estacionavam senão inofensivos portugueses que vinham procurar na hospitalidade espanhola um refúgio às perseguições dos seus contrarrevolucionários. E nesta continua controvérsia se ia passando o tempo — que sim, que não, mais que sim, mais que não! E não se passava d'isto! Até que um dia como quer que Vasconcelos insistisse em demasia, Canalejas, entre sorridente e enfadado, exclamou:

— «Caramba! Lo vamos a nombrar a Usted ministro de la Gobernacion!...»

A Augusto de Vasconcelos sucedeu José Relvas. Já tinha sido apreendido em Vigo, por denúncia dos republicanos espanhóis, um carregamento importante de artilharia e munições, destinado, como contrabando, às hostes de Paiva Couceiro. Havia pois, um flagrante evidente, incontestável. Canalejas, porém, mantinha-se irredutível. Até que, um dia, o Governo Português, possivelmente aconselhado pela Inglaterra, resolveu cortar o mal pela raiz. As primeiras reservas foram chamadas às fileiras e José Relvas procurou Canalejas para lhe comunicar o texto de um telegrama que recebera de Lisboa. O qual despacho dizia que o Governo Português convidava Madrid a desarmar e internar os contra-revolucionários portugueses, que se aprestavam na fronteira para realizar mais uma incursão — sob cominação do ministro de Portugal abandonar Madrid com todo o pessoal da Legação, deixando o arquivo e os interesses portugueses à guarda

A TRISTE SOLIDARIEDADE HUMANA

Dizem os franceses: à quelque chose malheur est bon. E com verdade o proclamam os herdeiros fiéis do espírito de Voltaire.

Sobretudo, entre nós, os soi-dizant «alegres portugueses».

E' de notar, com risonha ironia, que, precisamente, quando mór desgraça aflige alguém de notório valôr, é que os seus contemporâneos nêsse alguém demoram com enternecida atenção o seu carinho.

Anda um homem, lutando com bravura e coragem, sem deslises nem fraquezas, anos e anos, na linha recta do seu caracter sem mácula, firme na trajectória iluminada da sua consciéncia... Acaso o talento lhe dá fóros de figura de realce — tanto melhor! — e, entanto, poucos o notam pela estrada aridíssima do dia-a-dia, sempre o mesmo, embora pleno seja de heroísmos grandiloquos.

Um dia, como dizia Nobre.

«Um vento negro de mau séstro e spleen» descarrega-lhe sobre a cabeça, de amarguras encarnecida, uma tragédia (que as tragédias de hoje em dia têm peitilho engomado e usam gabardine, mas são sempre tragédias)...

Então, aparecem as primeiras mais seguras dedicações; sem dúvida, algumas magnificas; todas apreciaveis, obrigando a um agradecimento sincero e perpétuo.

Depois, à medida que o doente não morre, ou o inculpado tem menos visos de ir degredado, as dedicações multiplicam-se, magnificas e extensas.

E' a solidariedade humana, em toda a sua esplendida floração.

(E isto, que escrevo, não quer dizer sarcásticas alusões. Que Deus só me dê o bem que eu efusivamente desejo para os que, cedo ou tarde, me têm acompanhado nas minhas dôres!)

Mas porque desgraçada sorte só depois da malaventura é que as boas dedicações se manifestam?!)

Eu sei também que o ditado nos diz: E' nas ocasiões que se conhecem os amigos — o que é superiormente verdadeiro...

...Mas que triste (duma amargura rixa de violetas murchas!) é o facto singular de só depois da mísera desgraça a amizade gritar enternecida!...

F. DA SILVA PASSOS

da Embaixada da Inglaterra. A comunicação foi feita a Canalejas já noite velha e na residência particular do estadista. Foi, positivamente, um raio que lhe caiu em casa! Logo o telégrafo começou a trabalhar, levando para longe de Madrid instruções claras, terminantes, do governo castelhano. Os contra-revolucionários portugueses foram presos, desarmados e internados. Não houve mais incursões.

Um outro episódio, antes cómico que de gravidade, eclodiu no Quirinal, em Roma. A reportagem que lhe diz respeito occuparia, porém, excessivo espaço neste número do Reporter X. Tem de ficar, pois, para outro.

FREI GERUNDIO, *historista*

O «CADASTRADO»

(Continuação da pag. 3)

vada categoria do que eu as sofreram profundamente, na carne, bem mais envenenadas do que esta, que apenas traz baba asquerosa. Que de vícios e que de taras não foram acusados o Kaiser, o Tsar da Rússia e o próprio Eduardo VII? Mas eram Mac Rosvelt, Meyer Sultz — o director do *Tage Zeitung* — e Max Kalbak quem os acusava! Blasco Ibañez foi acusado de espancar a primeira esposa, quando esta agonizava, tuberculosa; Zola foi apontado como traidor à pátria; Vitor Hugo como um debochado repugnante; Gam-Hugo como *chanteur*; Salmeron... como... o pior dos depravados; Caillaux de vendido aos alemães e de ladrão; mas eram Gomez Ribero, Leon Daudet, «Duende de la Colegiata», Calmette e outros «azes» do panfleto e da política que o diziam. Mentiam, caluniavam, mas eram quem eram. A própria rainha D. Amelia, Bernardino Machado, Nuno Simões não se esquivaram aos ataques mais brutais, ás injustiças mais cruéis ou aos exageros mais ferozes! Mas quem os acusava? Era França Borges, era João Chagas, era quem era. Não eram cadastrados! E mesmo assim a calúnia, quando era calúnia, podia ter ardido, queimado, amargurado, mas acabou sempre por se diluir, por desfazer-se, por apagar-se.

Portanto, por maior repugnância que me causasse esse pasquim, basta vir de quem veio, basta recordar o que outras individualidades públicas, mais altas, mais categorizadas do que eu sofreram — sendo atacadas por quem eram — para me sentir bem colocado e bem acompanhado na galeria dos caluniados.

As desculpas do cadastrado

Que não discutia! E não discuto! Avivo apenas ridículas ousadias da prosa do cadastrado! Tentando sangrar-se em saúde, ele não nega que é um bandido profissional. Mas desculpa-se, explica-se... Como, senhores? Atribuindo ao bairro onde nasceu o vírus do banditismo que lhe corre nas veias! Por aqui se mede a mentalidade do «ápache». Como viu a luz do dia no Bairro Alto, havia forçosamente de ser gatuno e falsificador! E isto basta para se lhe dar o perdão que ele exige. Se amanhã o mais sanguinário dos assassinos se apresentasse no tribunal dizendo que nasceu em Whitechapel, o juiz, sem uma hesitação, retorquia: «O quê, meu nobre amigo? Você nasceu nesse bairro! Então, está absolvido!» E caso para que todos os códigos abram um parentesis nas penas a aplicar, exceptuando todos os delinquentes que tenham nascido aqui ou acolá! Que todos os filhos do Bairro Alto lhe agradeçam o dogma!

A certa altura treme-lhe a voz e, abemolando o tom, choraminga arrependimentos! Arrependimentos — ele que ainda em 1925 foi condenado por furto qualificado — ou seja praticado por meio de arrombamento, escamaleio ou chaves falsas, etc.! Ele, que ainda há poucos meses — confessou-o — interveio directamente num crime de falsificação! Ele que tendo abordado um pobre funcionário subalterno do Ministério dos Estrangeiros, cujo passado era duma lisura absoluta, sem a menor desonestidade, tentando-o com a exibição de umas reles notas, tão necessárias ao lar do desgraçado, cheio de filhos, o suggestiona, o arrasta à escamoteação de um documento após longas insistências e tremendas lutas íntimas naquela alma pura, e que depois — há meses também — denunciou, voluntariamente, à polícia, denunciou o desgraçado que ele tentou, que ele obrigou a prevaricar e que hoje chora, amargamente, num cárcere! Ele

que ainda há poucos meses tentou uma *chantage* de 20 contos com um advogado, dos mais brilhantes e honestos de Lisboa, ao ponto d'êste o expulsar do seu escritório... enxovalhando-lhe um pouco as calças com a lama que tinha na sola dos sapatos! Ele que acaba de publicar esse pasquim em que calunia, num bolsar contínuo de infâmias, um homem honrado como eu — aproveitando-se duma dôr moral que se impõe ao respeito de todas as consciências sãs? Arrependido? Não! O berço o fez bandido e só o tumulo, lá longe, no degredo que o espera de braços abertos, é que o resgatará dos seus crimes!

* * *

Toda a sua prosa sem gramática, salivada de bílis, contém, na essencia, duas calúnias, pelas quais espero, como já disse, vê-lo regressar à cadeia, sua pátria adoptiva, para o que recorri já aos tribunais! Uma dessas duas calúnias — aquela em que duvida da honestidade da minha reportagem à Holanda, *je m'en fiche pas mal*. Basta esfregar-lhe na boca desdentada o seguinte documento:

Ex.^{mo} Sr. Reinaldo Ferreira...

.....
Como magistrado, não devo falar dum processo em que intervim, sendo fácil a V. Ex.^a obter a certidão do que nele consta. Posso apenas dizer a V. Ex.^a que se nas investigações que em tempos dirigi, como director da Polícia de Investigação Criminal, e das quais resultou o processo, pendente em juizo, contra Alves dos Reis (aqui o nome do cadastrado que me repugna reproduzir no meu jornal) e outros, eu tivesse julgado provada alguma acusação de natureza criminal contra V. Ex.^a, cumprindo, como sempre, o meu dever, teria procedido contra V. Ex.^a, nos termos da lei. — De V. etc. — (a) Vicente Ribeiro de Sousa e Vasconcelos — (ex-director da P. I. C.)

Sobre a segunda, que é a mais miserável e em que ele se descompõe, se revela, se desmascara — apenas tenho a dizer o que se segue. Qualquer que seja a culpa ou fatalidade da pessoa que ele cita, qualquer que seja a ligação de sangue entre mim e essa pessoa, por maior que seja a dôr que me cause, legitimamente, a sua fatalidade — eu desafio a ele ou seja quem for a que prove que eu tinha conhecimento dos factos passados.

Que responsabilidade podeis ter, senhores, das faltas cometidas pelo vosso maior amigo ou pelo vosso mais próximo parente — se vós as ignoráveis, se elas vos surpreenderam tanto como aos outros? E a maior prova de que é uma calúnia é que a investigação desse caso provou exactamente o contrário, é que eu continuo a desconhecer aquilo que o cadastrado panfletário conhece familiarmente: a prisão.

Sinto-me tão honrado hoje, embora profundamente amargurado, tão honrado e tão digno de atacar toda a canalha que o mereça como ontem, como antes de succeder o que succedeu. Sinto-me porque, ao contrário do que o caluniador insinua, provou-se que os factos se passaram em 1926 — quatro anos antes da fundação deste jornal. E já que é preciso — não hesito em escancarar de par em par a porta dos bastidores deste jornal visto que dentro d'êles não há alçapões nem portas falsas. E' tudo claro e honrado, como a alma de quem o dirige.

O «Reporter X» foi fundado em 1930. Era seu primeiro administrador um meu antigo discípulo e amigo, o sr. Correia de Melo. Gra-

ças a um empréstimo de 10.000 escudos — pagos a 500 escudos mensais — feito com a colaboração de assinatura de outro amigo, o sr. Ruy Teixeira Bastos — escultor e proprietário — pagou-se o trespassse dos escritórios, compraram-se os primeiros moveis — os mais modestos que é possível imaginar — e fizeram-se as primeiras despesas, tendo a administração desse minúsculo capital sido feita exclusiva e honestamente pelo citado sr. Correia de Melo, que o recebeu e dele deu contas ao ser obrigado a separar-se da empresa por motivos profissionais. Foi então que eu, indo ao Porto, fechei com o sr. Oliveira Valença, proprietário das oficinas do *Sporting*, o seguinte contrato (êlé está vivo, graças ao Criador, pode desmentir-me, se me equivoque...): O sr. Oliveira Valença daria a composição, a impressão, o papel e as gravuras, que direi todo o *jornal material*, em troca de letras que se venceriam 45 dias após a saída de cada número. Isto significa que durante 45 dias, mês e meio, não era necessário capital para a maior, para o quasi total das despesas do semanário, havendo entretanto, imediatamente, todas as semanas, a receita de venda avulso, em Lisboa e Porto, a das assinaturas e da publicidade; e no fim do mês, 15 dias antes do vencimento da primeira letra, a receita dos agentes da provincia. Não é preciso ser sábio nem perito para compreender como o «Reporter X» nasceu sem outro capital que os 10.000 escudos iniciais, pagos a 500 escudos mensais — tendo, sobretudo, em conta que a receita imediata era correspondente a êste facto eloquente, palpavel, visível, ao alcance de todos os olhos, de todos os espíritos, os menos observadores: o facto da tiragem do «Reporter X» ter alcançado, logo nos primeiros números, a invulgar altitude de 20.000 exemplares (a primeira tiragem foi de 15.000 e esgotou-se), o que, tanto o sr. Oliveira Valença, do Porto, como os nossos actuais impressores, Silvas, Ltd., podem comprovar. Mesmo na mais pessimista das hipóteses, exagerando comissões de revenda, sobras e «calotes», a receita mínima, sem falar em publicidade ou na «Novela Policial», que continua a ser um êxito evidente de venda, é de 15 a 16.000 escudos semanais. E' preciso ser não só caluniador mas também imbecil, ter uma mentalidade de *escroc* de saloios para dizer que uma empresa assim organizada, recolhendo tal receita (o que é infossimável, indiscutível), não necessitando fazer a maior despesa de cada número senão 45 dias depois de publicado, não só nos não dava lucros como sorvera quasi duas centenas de contos!!! Se nós ao menos fizessemos a vida que o cadastrado, após os «golpes», costuma fazer; se jogássemos, se fumássemos charutos, se comprássemos automoveis! Mas se eu continuo a fazer a vida que sempre fiz — trabalhar, trabalhar sempre, de manhã até à noite, quasi sem uma hora de distração, sem uma tertúlia de café, sem uma pândega, sem uma orgia!

Maus — e estupidos! Os que caluniam e os que os escutam...

Mas já que o cadastrado-«ápache» finge violar um segredo de justiça, para caluniar, revelarei a verdade. O que se provou (e por detrás da fatalidade que feriu alguém está Miquível com *loup* e a *loup* cairá um dia reduzindo ás proporções legítimas o diâmetro do acontecimento...), o que todos, investigadores e adversários, apuraram, o que foi declarado e comprovado foi que os factos se deram em 1926 e que quando essa pessoa entrou no Reporter X fê-lo propositadamente para, com os seus beneficios,

(Conclui na pag. 15)

MISTÉRIO DAS SEREIAS



Mistificações ou descobertas científicas?—As lendas—A sereia japonesa

—O que dizem os sábios nipônicos—Camões—A sereia do Boulevard de St. Denis

HÁ poucas semanas, um arqueólogo yankee, especializado no estudo das civilizações americanas, ou seja indianas, da mais longínqua antiguidade, Mr. Trovelt, perfurando as muralhas vegetais das florestas coaguladamente virgens do interior peruano, descobriu junto a um rio, entre outros vestígios enigmáticos dos primitivos Incas, o corpo fossil de um ser meio-peixe meio-mulher que, em quase todos os detalhes fisiológicos, correspondia às misteriosas sereias da mitologia. E o *quasi* era consequência de que a metade humana do exemplar—aliás feminino—que Mr. Trovelt descobrira, longe de possuir os encantos clássicos e sedutores das lendárias narrativas dos velhos marinheiros—seios helênicos, cabelos longos e sedosos, olhos luminosos e pestanudos, feições ideais de mulher formosíssima—apresentava um busto quase sem curvas de peito, sem elegância de pescoco, sem triângulo facial, um rosto afonhado, dentaça de canibal.

Após a sensação que a descoberta causou no público e na imprensa, nasceu, nos meios científicos, uma dúvida grave para o sábio. Tratava-se de um fóssil autêntico, ou de um simulacro, de uma «escroqueria» da vaidade e da ânsia de fama, de um achado real ou de uma obra prima de qualquer falsificador?

O enigma secular das sereias

Não é, porém, a primeira vez que os sábios disputam a autenticidade dêsse ser enigmático, povoador misterioso de todas as lendas e mitologias marítimas, lendas que os velhos marinheiros japoneses ofereceram à tradição e que serviram de rima e imagem maravilhosas ao poema genial de Camões. Hajurik, historiador nipônico que, ainda há dois anos, foi acolhido com aplausos solenes, por todas as Academias europeias, dedicou, em Berlim, uma das suas conferências às sereias mitológicas da sua pátria. E segundo Hajurik existe ainda num museu de Yokohama um fóssil semelhante ao que Trovelt encontrou agora no Peru, e que data do século XIII. Diz a história (e o historiador é

Um sábio americano descobre o cadáver de uma, no interior do Peru

por vezes um amante bajoujo e cego da lenda) que todos os marinheiros que saíam de Yokohama eram cercados, a não sei quantas milhas do porto, por dezenas de mulheres-peixes, de bustos galantes, rostos belos, dedos pródigos em sábias carícias, que, entoando cantos embaaladores, vinham até aos primitivos barcos nipônicos e seduziam, com o bodo dos seus encantos e do seu amor, os tripulantes. E quando êstes, esquecidos de tudo, se entregavam às sereias-fêmeas, surgiam numerosas sereias-machos, armadas com pedaços de rocha e, caíndo sobre os desprevenidos amantes, os assassinavam. Um facto está comprovado—garante o conferencista japonês—: o de ser frequente, nessa época, as embarcações não alcançarem o seu destino e de darem à costa os cadáveres mutilados e ensanguentados de marinheiros dessas embarcações que depois eram encontradas a boiar ao sabor das ondas e dos ventos, desertas, vazias, mas não naufragadas. Os que escapavam, vinham para terra dilatar as lendas das mulheres-peixes...

A piratagem abundava nesses mares, mas se fôsse ela a causa dêsse dramas marítimos, qual a razão porque os sobreviventes atribuíamos assaltos dos barcos às sereias e respectivos machos?

Sobre o exemplar mumificado do Museu de Yokohama contou o sábio nipônico a seguinte lenda, ou, repetindo fielmente a sua expressão—, o seguinte episódio da história marítima do Japão: Um marinheiro muito experimentado—Osika—pertencia a um barco que fôra duplamente assaltado pelas sereias-fêmeas, corsários de almas, e pelas sereias-machos, piratas de vidas e haveres. Todos os tripulantes pereceram surpreendidos pelas segundas, quando as primeiras os acarinhavam contra os seus corpos semi-humanos... Todos menos Osika que, espertalhão, se ocultou num escondo do navio. Terminada a rapinagem, lançados os cadáveres ao mar, a família dos bandidos-sereias, entoando cânticos sem palavras, lançou-se alegremente à água. Uma só—sereia-fêmea—se demorara a bordo, arrastando-se à busca sabe Deus de que tesouro... Osika deixou que as outras se afastassem e caíndo sobre ela e blindando-se contra toda a magia da sua sedução, apunhalou-a,

vingando assim os camaradas mortos e levando o cadáver para terra. O cadáver não apodreceu nem se decompôs: mumificou-se, sendo, há sete séculos quasi, uma das curiosidades mais bisbilhotadas pelos estrangeiros.

Lenda ou história? Sábios ou falsificadores?

Não são estas duas sereias, porém, as únicas que os sábios descobriram e que se ofereceram à curiosidade humana. Ainda não há dois anos, escrevi no *Janeiro* uma crônica sobre o seguinte episódio, de que esqueci alguns nomes e personagens e locais e que me fôra brindado pela leitura de um artigo, aliás fotograficamente documentado, do «Wanderer», uma espécie de «Reporter X» berlinense: Um arqueólogo alemão vagueava pelos arredores de Nápoles, quando, numa praia de pescadores, foi avorocado por um agrupamento de marítimos que ruidosamente comentavam a carga que um barco de pesca trouxera do mar. O arpão destinado não sei a que peixe fôra ferir e trouxera para bordo um fenómeno marítimo, meio-peixe, meio-mulher, que só se diferenciava das sereias mitológicas pela pobreza galante do seio, que era mal modelado e caído, como o das negras de certas tribus que vandalicamente os quebram na puberdade matando todos os encantos num apertão de cordas, e pela falta de beleza facial e capilar. O rosto, embora indiscutivelmente humano, era o de uma velha feia (a fealdade também existe nos seres humanos e a velhice deve produzir os mesmos estragos nas sereias como nas mulheres...) e a cabeça, em vez de se coroar numa cabeleira de Prevostienne, tal como Regaud a retratou, era pelada como a de



um cavaleiro em decadência... O arqueólogo alemão comprou a sereia; telegrafou para todos os centros científicos europeus, mas a Itália só teve conhecimento de sua descoberta pela leitura dos jornais estrangeiros e depois do alemão ter regressado à pátria. Ele apresentou de facto um corpo de sereia, em Leipzig, mas sobre ela, como sobre as outras, os incrédulos desfecharam dúvidas graves. Como? Porquê? Ignoro! E' fácil, parece, falsificar um fóssil, mas um cadáver recente não o creio. Contudo, «Tempo», que foi a gazeta que mais se insurgiu contra êsse sábio, afirmou que ele não consentira uma autópsia nem um estudo directo dos seus confrades sobre o exemplar adquirido.

A exploração das sereias

Existem, de facto, motivos para essa incredulidade... E' que têm sido numerosas as mistificações. Jean Lecoq, o grande «reporter» retros-

(Conclui na pag. 15)

ENTRE OS "RUFIAS" DE LISBOA

(Continuação da pag. 7)

A esta hora — uma da madrugada — estão as ruas ladeirantes, enormes, escorregadias, embaçadas em silêncio — um grande silêncio que tudo envolve, que oprime as coisas, o silêncio evocativo dos dramas, dos negros dramas da humanidade.

Abro agora um parágrafo em branco nesta reportagem vivida — para entregar-me à volúpia da noite, pensando no maravilhoso «film» shakespeareano, infundável, que é a vida deste bairro de mansardas acavaladas umas nas outras, desta população candidata às camas do hospital, deste ambiente que extravasa crimes e ressuma horrores.

Duma porta, anonimada na multidão de mil e um portais semelhantes, escapam-se gemidos enfraquecidos, moribundos, impressionadores... Informam-me que é um tísico a decidir...

Passo adiante. Reparo a uma esquina num grupo de homens suspeitos em suspeito conluio. Logo a seguir há um casal misterioso fechado num círculo de trévas — certamente a conciliar promessas de amor.

Mais acima, na Rua da Adriça, que com a de S. Miguel constituem os *boulevards* de Alfama, as suas mais importantes artérias, recebo uma intensa emoção — uma emoção *knok* que me latega a sensibilidade e a empolga com violência e a faz vibrar comovedoramente...

A rua estava deserta. Solidão absoluta. Sómente daquela janela, lá no cimo daquele prédio cambado e comprimido, saía uma facha de luz mortícia a perder-se nas trévas do vácuo medonho. De súbito, quando eu passava, ouvi os primeiros acordes dum violino, desferidos por mão de refinado artista. Estaquei surpreso. Assombrou-me o facto de ouvir ali, em pleno bairro-réprobo, o bairro maldito de Lisboa, o bairro-cancro do Progresso, a doçura plangente daquela rabeça divina arremessando para o silêncio envolvente da noite os gemidos da sua voz de encanto, a contar-nos lindas histórias de beleza. Ao princípio julguei sonhar, supondo-me preso dum desses vulgares fenómenos psíquicos que tantas vezes nos abstraem e enlevam quando à nossa volta a Natureza parece dormir... Mas não. Estava bem acordado. Havia chegado novos auditores, os quais, como eu, também para ali ficaram esquecidos, subjugados por místico arroubo. E foi ainda sob profunda impressão que na manhã seguinte voltei à Rua da Adriça, a fim de colher elementos sobre a personalidade do requintado violinista.

Depois, mais tarde, transcorridas horas, acamardava com ele a uma mesa de qualquer baúca do sítio.

Não me enganava quando lhe adivinhei uma dolorosa tragédia — a tragédia que fez dele um ser inepto para a vida, que lhe dilacerou todo o destino, que o arrojou para a inferneira dóida em que vive actualmente.

Arranquei-lhe, dificilmente, alguns pedaços da sua história triste — que ele guarda avaramente como inviolável segredo e me narrou atribuindo-a a um seu amigo íntimo. E os pormenores colhidos da sua boca juntos aos apontamentos que o meu «block-notes» já continha a seu respeito permittem-me reconstituir a sua linda novela — porque é um autêntico herói de novela aquele violinista de Alfama...

Terá 60 anos — talvez mais, talvez menos... Tem a cabeça completamente branca, duma branquidão de neve, austera, de severidade. Usa barba, igualmente branca e descurada de cuidados. No exterior revela uma grande negligência pela sua pessoa. Veste pobremente, de ganga azul, desbotada. Traz *bonet*. Quando fala, fita, com os seus olhos doces, melancolizados, sem dúvida, por penosos pensamentos, qualquer ponto vago que ele não vê.

Da opereta vienense à tragédia de Alfama

É austriaco, natural da pequena cidade de Salzburgo — terra desse Adamastor da música

que se chamou Amadeu Mozart. O seu nome é Leopoldo Buttenborgen e reside há cerca de quinze anos no bairro de Alfama, onde se tornou conhecido pelo *sobriquet* de «Estrangeiro» — muito embora fale correctamente o português.

Eis aqui, a traços largos, o que consegui apurar da sua vida.

Apasionadamente tentado pela sublime arte musical, muito por vocação e um pouco por influência atávica, frequentou o Conservatório de Música, de Viena, onde em 1899 concluiu brilhantemente os seus estudos. Passados dois anos compunha a sua primeira ópera, «A Lenda do Danubio», que foi a sua obra-prima e o celebrou. Depois deu-se a percorrer o mundo, solicitado pelos grandes centros de arte, checando o triunfo embalador da glória e exaurindo-se nos braços das mais formosas mulheres. Até que em Itália enamorou-se perdidamente por uma mulher, por uma mulher que valia um império, linda como uma deidade e esbelta como uma grega de escultura. Foi o começo do seu drama — daquele drama cuja saudade lhe pesa hoje, na existência, como chumbo. Juntos os dois, viveram deslumbramentos de lendas, gozando todos os prazeres da vida. Ele, porém, de riqueza possuía apenas o seu formidável talento; e ela era insaciável de dinheiro: joias caras, confortos invulgares, voracidade de elegâncias femininas, etc...

Mais tarde, um contrato vantajoso trouxe-o a Lisboa, ao Teatro de S. Carlos, como maestro-director dum Companhia de Opera Italiana — logo após o advento da República. E aqui, na nossa cidade, ela, a sua mulher fatal, sentindo-o já no declínio da sua carreira, abandonou-o, fugindo para os braços dum titular russo que se dizia emigrado político. O choque foi brutal. Finalizou-se o contrato de S. Carlos e ele queudou-se em Lisboa na esperança de encontrar a mulher amada e na ansia magnânima de lhe perdoar a traição. Assim chegou a Junho de 1913 — mês em que, exausto de recursos materiais, se viu na necessidade de exhibir-se em diversos concertos por alguns teatros, como violinista. E certa tarde, no momento em que executava com suprema arte uma difícil partitura, observou-se um grande reboliço na plateia, que não o deixou prosseguir. Tratava-se de um casal de larápios elegantes que pretendia furtar um valioso colar de pérolas a uma espectadora. Nela, na ladra que já ia acolitada por dois polícias, reconheceu o maestro a sua antiga companheira. Ela recolheu ao Aljube. E Leopoldo Buttenborgen, esbarlavado ainda à imperiosa magia do seu olhar aciganado, não soube furtar-se à tentação de a ver todos os dias, visitando-a na cadeia. Para estar mais próximo do Aljube, alugou uma casinha na antiga Rua da Saúde, onde toda a noite levava a tocar violino as mais belas peças, que ela gostava de lhe ouvir nos tempos felizes. Vivia dessa maneira a sua passada ventura, num mundo de ilusões. Depois, por economia, passou para Alfama, para a mesma casa em que ainda mora. A formosa aventureira veio a morrer no Aljube, vitimada por doença incurável do coração, após três anos de cativeiro. E o maestro nunca mais teve forças para se reerguer na vida, vivendo só da sua grande saúde, para a sua saúde. A fome, contudo, apertava. Foi obrigado a procurar rumo. Tocou em *clubs* da Baixa. Mas a sua tristeza exacerbava-se mais com a alegria dos outros. De maneira que foi descendo, descendo sempre tocando o seu violino, tornando-se popular nos antigos «cafés» de camariceira da beira-mar e ocupando o seu último pósto naquele café das Portas de Santo António, onde — creio — hoje é uma cervejaria *chic*. Esse café fechou, há coisa de dois meses, e de então para cá nunca mais se empregou. De que vive então? Duma mesada que certa figura feminina da nossa melhor sociedade, que também foi uma grande e infeliz amorosa e que soube da tragédia do desafortunado músico, lhe manda entregar pontualmente todos os finais de meses.

A tragédia das minhas vizinhas

(Continuação da pag. 10)

Madame Marcelle Lacroix se chamava a modista e senhoria. Era uma velhinha mumificada, sêca, pequenina, *coquette* ainda, os olhos gaiatos, sempre aos pulinhos e às risadas.

Que simpática que era Madame Lacroix! Todas as manhãs, quando eu entrava na redacção, vinha dar-me a correspondência ao vestíbulo e contar-me qualquer história, sempre aos saltinhos, risonha, *coquette*... Tinha fama de rica e vivia sózinha. Na tarde do dia em que eu lera nos jornais a confissão de Madame Bessarabo, o chefe da redacção de Bruxelas, um jovem jornalista uruguayo, Alvarez, escrevia-me a comunicar uma triste notícia: «Mataram a nossa pobre senhoria... Alguem entrou de madrugada na sua residência e a apunhalou no peito... O móbil do crime foi, evidentemente, o roubo... Mas afinal apenas levaram 18 francos — todo o dinheiro que ela tinha em caixa — visto que, prudente como era, enviava diariamente ao banco o produto do seu negócio.»

Há poucos números, o «Detectives», publicando uma reportagem sobre prisões de mulheres, evocava Madame Bessarabo, que o reporter encontrara na enfermaria do presídio, altiva, desdenhosa, num silêncio de superioridade, uns óculos de ar de tartaruga, mantendo, mesmo na desgraça, o seu snobismo aliterado. O jornalista tentou confidência-la, recordando que estava por pouco o seu sofrimento:

— Bem sei! — respondeu... — A minha pena termina daqui a 9 anos — em 1940... Mas sobre isso estou descansada. Hei-de sair antes, muito antes...

Não se equivocara. Um mês depois morria levando para o túmulo o segredo do seu crime — ou — quem sabe — dos seus dois crimes...

Dois dias depois de eu ter lido a notícia da morte de Madame Bessarabo, vi no *Neptune* de Anvers a seguinte notícia: «Um velho e sangrento mistério que se esclarece». Faleceu há dias, no seu palacete da Rua Royal, Madame Marie Reclair, viuva do banqueiro do mesmo nome, confessando à hora da morte que foi ela a autora do crime da Rua Montagne de la Clair em que, em 1920, foi vítima uma velha modista, Madame Lacroix, e que tanto trabalho deu à nossa polícia. Segundo a confissão da criminosa, o marido deixara-a numa miséria doirada e ela, não podendo resignar-se à ideia de abandonar a sua vida mundana, e sendo freguesa de Madame Lacroix e sabendo que ela possuía grande peculio, arranjou um pretexto para jantarem com a velha modista e enganou-a, ocultando-se em casa, quando fingiu sair para a rua. Esperou que ela adormecesse e assassinou-a então.»

Coincidências; fichas do Destino... Aquela em que estavam registadas estas duas tragédias podia ser etiquetada com o rótulo de «As minhas vizinhas trágicas...»

R. X.

A-pesar-da miséria que ferozmente lhe acutilou a vida, o velho Leopoldo nunca quis desfazer-se do seu violino.

E todas as noites, quando o silêncio é maior, a Rua da Adriça é arrancada ao seu sono pelas notas nostálgicas, cogitativas, dum violino romântico a chorar as suas penas de amor.

É o «Estrangeiro» que evoca o sonho belo da sua vida, cujo despertar o acorrentou a negra tristeza. E é quasi sempre o *Requiem*, de Mozart, o motivo escolhido para o desfolhamento da sua eterna saúde...

AMERICO FARIA

O "cadastrado"

(Continuação da pag. 12)

liquidar essa dívida, projecto aliás revelador de honestas intenções, mas que eu e todos ignorávamos visto que esse segredo só existia na sua alma, e tanto assim, também se provou, senhores ouvintes da prosa do cadastrado, que os salários que correspondiam aos serviços dessa pessoa foram colocados num principio de liquidação dessa dívida. Soube-o... quando soube que isto constava das declarações. Soube-o, pasmado!

Como a verdade esfaca as calúnias melhor urdidadas! A verdade é uma broca Krupp que perfura as blindagens de aço dos couraços da mentira! Como a verdade é diferente do que o «àpache» escreveu!

Um último detalhe a avivar.

Seguramente os senhores hão-de fazer, intrigados, a seguinte pergunta. Qual a razão, o móbil, a causa, o passado, o presente e o futuro que levou esse «àpache» a atacar o «Reporter X» com toda a bestialidade da sua ignorância, com a força infinita da sua calúnia (a verdade limita-se a si própria; a calúnia não tem limites), com toda a bilis de um ódio inexplicável? O enigma tem duas decifrações: uma ligada ao passado: a do ódio; outra ligada ao presente: a do subórno. Ambas miseráveis! Ambas *signé* «Dentola»

Conto em poucas linhas. Nos intervalos das suas idas e vindas da prisão, o cadastrado frequentava a «Brasileira»; era metedico, servil, humilde, lisongeador. Jornalistas, escritores, gente bem colocada deixavam-se seduzir pelos seus modos... Dizia-se antigo «detective» dos Aliados... O cadastrado inchou, criou vaidades e prosápias, julgou-se gente, esqueceu-se de que o seu destino eram as furnas de Monsanto, o «hotel do pinho», como ante-câmara do degrêdo. Botou charuto, camisas de seda; passou da humildade à exigência; dava sentenças, permitia-se o luxo de ter opiniões; julgava-se no direito de ser sustentado no seu luxo de *maquereau* pelos que tinham tido a benevolência de não o expulsarem do seu convívio. E então passou ao ódio e à ameaça. Só falava em *dossiers*, esboçava *chantages* imorais (enquanto fora dos cafés as praticava... materialmente). Um episódio basta para analisar quimicamente a sua psicologia grotesca e perversa. Pedro Bordoal Pinheiro, gerente do «Diário de Lisboa», pode, como eu, ter inimigos e amigos: o que ninguém lhe nega é que é um *gentleman* por dentro e por fóra. O cadastrado julgava que Pedro Bordoal Pinheiro se honrava com a sua amizade e que para a manter seria capaz de todos os sacrificios. Um dia (o cadastrado, na embriaguez de se julgar gente entre os autênticos escritores e jornalistas, há muito que acalenta, mesmo analfabeto como é, sonhos de literato) publica um livro.

Pois bem! O «àpache»-publicista levou um exemplar a Bordoal Pinheiro, às duas da tarde. E como no número da noite o espaço dedicado às críticas literárias fóra ocupado por um estudo sobre o último livro de Julio Dantas ou Brito Camacho, êle sentiu-se ultrajado; e a partir dessa hora odiou com tal ferocidade Bordoal Pinheiro que sempre que pode segrega calúnias monstruosas sobre o seu ex-protector...

Eu conhecera-o na época da mansidão. Depois, instalei-me no Porto onde êle aparecia às vezes, pedindo-me favores. (Um àparte: diz o cadastrado que eu vivo cercado por famintos: o único que sugou, com lamurias, longo tempo, foi êle). Um dia, metralhava eu rijamente contra as libras de louça, recebi uma carta sua em que, entre elogios bombásticos — *Que eu era o mais honrado e corajoso dos jornalistas! Que nunca as mãos me doessem! Que assim é que se cumpria o dever profissional!* —, me oferecia um *dossier*, dos tempos em que era *detective* dos

inter-aliados, no qual existiam provas esmagadoras do que eu insinuava. Tempos depois, vim a Lisboa e telegrafei-lhe. Repetiu-me a oferta, e, em troca dêsse futuro serviço, esgotou-me os magros recursos que eu trouxera para a viagem. Várias testemunhas invoco: João de Sousa Fonseca, grande alma e grande espírito, director da *Ilustração*; o jornalista Costa Pereira, Mario Domingues, Ferreira Gomes etc... Uma manhã, já um pouco suspeito, perguntei-lhe quando me cedia o *dossier*... Esquivou-se. Que não o podia largar de mão. Levei-o a casa de Mario de Noveais para os fotografar. Como Noveais não podia fazê-lo senão no dia seguinte, marcou-se um novo encontro. Faltou — só me aparecendo à noite, e depois ter recebido uma carta imperiosa minha. Confidenciou-se-me então, gaguejando um pouco, numa palestra em que abundavam os «Bocês», os «amigos Reinaldo», o «seu amigo pensa», o «seu amigo propõe». Resumo: **Declarou-me que só me cedia os documentos se eu estivesse disposto a fazer com êle uma exigência de 100 contos a certos banqueiros — dos quais, 50 seriam para êle!** Fiz o que era natural que fizesse. **Expulsei-o do meu quarto de hotel** — e nunca mais lhe falei. Isso foi em 1929. Já num número anterior do meu primitivo jornal eu insinuava algo dos seus planos — e foi sobretudo essa revelação pública que êle nunca me perdoou. Felizmente outra pessoa — e honrada — me cedeu desinteressadamente as afirmações que eu necessitava para triunfar como triunfei... Mas êle, na sombra, digerira a *ofensa*, dilatava o ódio.

Tentou primeiro atacar-me por um livreco ridículo, «As libras de louça», que êle retirou das livrarias sem ter vendido meia duzia de exemplares. Este segundo fracasso enraiveceu-o. Tentou sujar-me, durante a sua última prisão, sem o conseguir. Novo agravamento do seu ódio. Quando foi a campanha contra o Marquês de Sâgres correu a oferecer-lhe os serviços, a planear ataques contra Mario Domingues, com barbas postizas e outras fantasias de «àpache» de folhetim. Novo fracasso, e o ódio sempre a crescer. Fazia comícios pelos cafés. Os poucos ouvintes ou se riam ou se afastavam enojados. E o seu ódio a dilatar-se, verde, espumado de bilis! Ultimamente espalhou a notícia de que ia publicar um ataque ao meu jornal... porque êle reproduzia gravuras de jornais estrangeiros. E andava com uma pasta debaixo do braço com recortes, números soltos, apontamentos. Por fim, veio o incidente lastimoso para alguém que não era eu, incidente em que nem eu nem o meu jornal, como se provou, tiveram a menor intervenção nem participação... — e o «àpache» rejubilou... Na sua estupidéz e na sua sofreguidão de vingança julgou que era fácil esmagar-me, confundindo tudo, ligando-me com hipóteses e insinuações caluniosas e dispartadas a actos que não só não cometi (se os tivesse cometido seria parvo e estaria preso) como dos quais não tinha o menor conhecimento. Mas faltava-lhe crédito ou capital para editar o *pasquim*... O ódio atrai o ódio. O dinheiro apareceu, conseqüências ainda da coragem com que o *Reporter X* ataca os crimes que são crimes e que ficam impunes. Mas isto é para depois...

Cumprí o meu dever perante a opinião pública. Expliquei tudo, escancarei as portas da minha casa, da minha vida e da minha alma. Provei que sou e fui sempre um homem e um jornalista honrado, tão pronto hoje — como ontem — a chicotear as infâmias, as hipocrisias, os Tartufos, os velhacos, os bandidos poderosos e impunes. Não abordarei mais o assunto — *previno*. *O que falta fazer e dizer os juizes o farão e o dirão*. E quem depois de me lêr, quem, entre

MISTÉRIO DAS SEREIAS

(Continuação da pag. 13)

pectivo do «Petit Journal», reviveu, algures, êste caso: Nos principios do século passado, as ruas que irradiavam do «boulevard» de Saint Denis, em Paris, eram um circo de saltimbancos e feirantes, correndo o bairro numa «querresse» permanente. Havia barracas e exhibições de todos os gêneros: médicos fantásticos, dentistas sem dór (quando ainda se ignorava quasi totalmente a anestesia); magnetizados, museus de bonecos de cera (leiam o velho folhetim «L'homme aux figures de cire», exposição de raridades, de indivíduos com duas cabeças («Un-deux», romance de Jean Vincent); irmãos siameses («Les Esclaves du Esclave» de Marian & Pierre Souvestre) e até do primeiro domador de feras de que existe memória («Les coulines du «music-hall», de Colette). Um dia todos os «guichets» dessas barracas se des-povoaram e uma mensa multidão embasbou ante uma nova barraca. Era o recinto onde um tal Deheer, holandês, exhibia uma sereia que êle próprio (berravam os cartazes) caçara, viva, durante a sua última viagem de aventuras pelas costas de Ceilão. Entrava-se numa sala com uma balastrada em redor de uma espécie de tanque, no qual boiava o fenómeno. Descreve-o Jean Lecoq: «Era uma mulher divina, deusa pagã embuxada ao fugir de algum templo do Pireu. Os olhos eram esmeraldas, os lábios rubis, os cabelos ouro tecido por uma fada, os dentes pérolas, as pestanas halo das estrélas, os seios moldados na mesma forma dos de Venus, os braços, serpentes de arminho, os dedos fantasia genial de Murillo... Mas ai! Eis que, súbitamente, o busto perdia o tom de alabastro e ganhava uma côr esverdeada; e as formas ideais até à cintura perdiam-se numa continuidade de cauda de peixe, recamada de escamas!» Por êste descritivo visionam-se as paixões que a sereia de Paris despertou nos românticos! Ela passava os dias boiando no tanque e entoando, numa surdina aflitiva, canções misteriosas. Mas um dia descastelou-se o grande negôcio do caçador de sereias! E' que a sereia, que amava às escondidas o homem das três pernas, da barraca vizinha, teve de sair bruscamente, e ante os olhos espantados do público, da cauda scenográfica onde ocultava o resto do seu corpo completamente humano, escravizada pelas dôres do parto!

As sereias pensam com uma mentalidade humana; entendem-se por meio de guinchos visto que lhes faltam dons para articularem palavras, diz a lenda, e dizem os sábios que acreditam na sua existência. Mas as sereias existiam? Existem?

R. X.

VIÇÕES ACTUAIS DO TERRAMOTO DE 1755

(Continuação da pag. 9)

havia aberto. Mas quem quizer fazer o que eu não consegui — *podê fazê-lo*...

Que segredo oculta esta revelação? Podemos ligá-lo ao que atrás contei? Podemos admitir a hipótese de que pelas fendas abertas pelo terramoto de 1755 desceram a abismos insondáveis, como cabines de ascensor, prédios inteiros, levando consigo, vivos ainda (vivos porque os prédios desciam intactos) os seus habitantes? Terão êsses habitantes encontrado forma de resistir dentro do tumulo natural, no ventre da terra, alimentando-se como os heróis da lenda árabe, da ilha Lisboa do século 1? Se assim fósse ter-se-hia multiplicado, existirão ainda os seus descendentes?

REPORTER X

um homem sem mancha e sem mácula como eu e um bandido, cadastrado por furtos, der crédito ao bandido — e porque pertence à mesma quadrilha. Uns e outros só são dignos do meu desprezo!

REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

O maior sucesso literário
de 1931

NOVELA POLICIAL

Leitura emocionante!

ASSUNTOS PALPITANTES!

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

QUINTA-FEIRA, 16 DE ABRIL

NOVELA POLICIAL

N.º 13

Os TRÊS DEGREDADOS

por REPORTER X

16 páginas — Uma novela
completa, original, inédita
Capa a cores -- preço **Um Escudo**

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinatura para a Administração do «Reporter X» e da «Novela Policial», - Rocio, 3, 3.º - Lisboa
Telefone 2 5442 - Endereço telegrafico Reporterx